



GT 044. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos e desafio dos direitos humanos

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) - Coordenador/a, Jane Felipe Beltrão (Universidade Federal do Pará) - Coordenador/a, Jorge Eremites de Oliveira (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE ? 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuições para esse debate.

Sair em busca da "Terra Verde"

Autoria: Fernanda Borges Henrique

No início do ano de 2017 algumas famílias do Povo indígena Kiriri ocuparam uma área de cinquenta e cinco hectares pertencente ao governo do estado de Minas Gerais, no bairro rural Rio Verde, município de Caldas/MG, localizado no sul do estado mineiro. O grupo, vindo do município de Muquém de São Francisco/BA, região do Vale do São Francisco da Bahia, reivindica a terra para que suas famílias possam se estabelecer e dar continuidade aos seus projetos de vida. Após pouco menos de um mês vivendo embaixo de barracos de lona preta e branca, os Kiriri ergueram casas de pau-à-pique, uma para cada família, algumas com telhas ganhadas dos moradores do Rio Verde e outras ainda cobertas por lonas. Os projetos para viver na terra verde, termo utilizado constantemente por estas pessoas e considerada um lugar sagrado, foi interrompido quando, não apoiados pelo poder público municipal e por seus antigos aliados Xucuru-Kariri que vivem em uma reserva indígena também no município de Caldas/MG, os Kiriri foram aconselhados e apoiados pelo estado de Minas Gerais a se moverem para uma terra no município de Patos de Minas/MG, localizado na região do Triângulo Mineiro. Ao se moverem, os Kiriri se deram conta de que a terra que buscam para viver estava de fato no Rio Verde e, por isso, após dois meses, voltaram a viver no Sul de Minas. Dito isso e partindo do suposto de que a terra verde não deve indicar apenas a coloração da localidade, este work busca problematizar os sentidos desta categoriaêmica, considerando que em suas falas foi o motivo que impulsionou o cacique Kiriri e seu grupo a se moverem, em dois diferentes momentos, na busca por um lugar de vida.



Realização:



Apoio:



Organização:

